

Os múltiplos afetos

Os moldes de relacionamentos fora da monogamia ganham atenção com as redes sociais. Para especialistas, respeito e honestidade são fundamentais em arranjos não convencionais

POR ANA MILETTI*

Mudanças na sociedade alteraram, significativamente, a forma como uma parte da população, principalmente as gerações mais novas, encara sexo e relacionamentos. As configurações fora do padrão normativo, como a poligamia, por exemplo, não surgiram recentemente.

Atualmente, é legal ter mais de uma esposa em 40 países. Em outros 20, a poligamia não está escrita nas leis, mas é culturalmente aceita. No Brasil, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) proíbe cartórios de lavrarem escrituras públicas de uniões estáveis poliafetivas desde 2018. Isso significa que, perante a lei brasileira, relações não monogâmicas ainda encontram grandes barreiras para reconhecimento de direitos como pensão por morte, divisão de bens e inclusão em planos de saúde.

Longe de ser um mero arranjo do passado ou estar restrita a tradições religiosas específicas, a busca por novas formas de amar e conviver ganha força nas redes sociais e chega cada vez mais às pautas do Judiciário, desafiando a histórica hegemonia da monogamia e exigindo do Estado respostas formais sobre sucessão, previdência e proteção aos direitos humanos.



Magnific

As relações

Muitas dúvidas são levantadas, por exemplo, sobre como as relações não monogâmicas se dividem. Teoricamente, existem relacionamentos abertos, poligamia e poliamor. Emerson Alexandre, psicólogo e sexólogo, mostra as diferenças: “No relacionamento aberto, existe um casal que decide abrir a relação para vivenciar outros tipos de relacionamentos. A poligamia é um casamento no qual se permite ter vários afetos, mas com a instituição do matrimônio. No poliamor, é permitido viver esses vários afetos, mas sem a obrigatoriedade de um casamento ou de um relacionamento central.”

Emerson elucida que a não monogamia e seus ramos são modelos relacionais, e existe, internamente, uma infinidade de arranjos não convencionais. Para ele, o preconceito advém muito do ideário criado em torno dos relacionamentos monogâmicos. “Nesses moldes monogâmicos, não é possível nem cogitar a ideia de sentir desejo, ter pensamentos ou fantasias com outra pessoa. Por isso, o diálogo é o termômetro de todo e qualquer relacionamento.”

Os estigmas

Na prática, as configurações desses relacionamentos podem ser decididas e avaliadas pelos próprios participantes, acredita Eudiléia de Fátima, psicóloga especializada em relacionamentos. Ela discorre

também sobre uma dúvida comum que permeia os relacionamentos poliamorosos: como as pessoas lidam com o ciúme? Para ela, a existência desse sentimento não inviabiliza a relação. “Temos que entender como o ciúme é trabalhado dentro da relação. Ele precisa ser investigado para que não se torne um limitador controlador do outro. É necessário trabalhar a questão e fazer acordos benéficos para todos.”

Eudiléia relata que o ciúme pode se apresentar de várias formas, como na crença de que o parceiro está se dedicando mais ao outro, ou em decorrência de inseguranças pessoais. “O importante é que essas situações são solucionáveis dentro da relação, desde que haja uma boa comunicação.”

Além de ressignificar o ciúme, a não monogamia introduz o conceito de compersão — frequentemente descrito como o oposto do sentimento de posse. A compersão é a capacidade de sentir genuína alegria e satisfação ao ver uma pessoa amada vivenciando prazer, afeto e felicidade com outro alguém. Em vez de enxergar o afeto externo como uma ameaça ou escassez, esse sentimento parte do princípio de que o amor e o desejo não são finitos, transformando a empatia na base para que o bem-estar do parceiro seja comemorado, independentemente de quem o proporcionou.

Helena Lima, professora e multiartista autônoma de 32 anos, relembra que seu processo de autoconhecimento começou dentro de um relacionamento. “Eu namorava fechado há quatro anos com uma pessoa;